

Dossiê Educação

“Deus, Pátria e Família”: proposta de uma aula de História sobre o fascismo no Brasil

"God, Homeland and Family": proposal of a history class on fascism in Brazil

Caio Henrique Silva Fernandes,¹ UFSC
Joice Cristiane Machado,² UFSC

Resumo

O artigo apresenta as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado de História, realizado de forma remota - devido à pandemia de COVID 19 - com as turmas do 2º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina no ano letivo de 2021. O objetivo é contribuir para a discussão acerca do ensino de História e o conteúdo histórico escolar a respeito da ascensão dos fascismos no Brasil na década de 1930 e no tempo presente, considerando principalmente a atuação e influência da Ação Integralista Brasileira (AIB). Para tanto, utilizamos as ações, observações e investigações realizadas no período do estágio, assim como os planejamentos e materiais didáticos desenvolvidos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado de História; Ensino Médio; Ensino Remoto; Fascismo no Brasil; Ação Integralista Brasileira.

Abstract

The article presents the lived experiences during the supervised History internship, carried out remotely - due to the COVID 19 pandemic - within the classes of the 2nd year of high school of the College of Application of the Federal University of Santa Catarina in the school year 2021. The objective is to contribute to the discussion about the teaching of history and the historical content of the school about the rise of fascisms in Brazil in the 1930s and in the present time, mainly considering the performance and influence of the Ação Integralista Brasileira (AIB). For this, we used the actions, observations and investigations carried out during the internship period, as well as the planning and teaching materials developed.

Keywords: Supervised History Internship; High School; Remote Teaching; Fascism in Brazil; Ação Integralista Brasileira.

Introdução: Contexto e trajetória do estágio supervisionado em História

Este artigo é um relato de experiência da prática de estágio supervisionado em História, realizado ao longo dos semestres de 2021.1 e 2021.2 nas disciplinas de Estágio Supervisionado de História I e II do curso de graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As disciplinas foram orientadas de modo remoto pela professora Joana Vieira Borges, e o estágio não presencial foi realizado no Colégio de

¹ Graduando do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: caio_hsf@hotmail.com

² Graduanda do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: joice.cristiane.m@gmail.com

Aplicação da UFSC (CA/UFSC) com a supervisão dos professores Manoel Pereira Rêgo Teixeira dos Santos e Camilo Buss Araújo.

As atividades das disciplinas de Estágio I e II exigiram a elaboração de um projeto de ensino, um modelo de plano de aula síncrona, uma atividade avaliativa assíncrona, a regência de uma aula de uma hora por dupla de estagiários, a criação dos materiais didáticos como, por exemplo, *slides*, e a correção das devolutivas das avaliações propostas. As observações das aulas síncronas de História se iniciaram no dia 23 de junho de 2021, realizadas todas às quartas-feiras, das 10h40min às 11h40min, por meio da plataforma *BigBlueButton* (BBB) do *Moodle* UFSC. Todas as quatro turmas de 2º do Ensino Médio – identificadas por A, B, C e D – foram reunidas em uma mesma sala de aula virtual, totalizando cem alunos matriculados.

Em 2021, o ano letivo do Colégio de Aplicação iniciou no dia 08 de fevereiro, de maneira remota, devido à pandemia de COVID-19. O ensino remoto se caracterizou como uma proposta de caráter emergencial, na qual se adaptou o ensino às possibilidades digitais para poder dar andamento aos semestres letivos durante o período da pandemia. As atividades na modalidade semipresencial iniciaram no CA/UFSC no dia 18 de outubro, e com a adoção dessa modalidade, muitos estudantes não tiveram mais aulas remotas de História, reduzindo pela metade a quantidade de estudantes que continuaram participando *online*. Como o Estágio Supervisionado I e II foi estruturado para ocorrer de maneira remota, acabamos por ministrar a nossa proposta didática somente para aqueles que optaram por esta modalidade de ensino.

A adoção do ensino remoto e semipresencial trouxe diferentes questionamentos referentes aos processos de ensino-aprendizagem e as possibilidades e limites dos recursos tecnológicos na atuação emergencial das/os educadoras/es. Percebemos que na modalidade remota houve mais dificuldades para conhecermos as/os estudantes, pois muitos não se manifestaram por voz, vídeo ou *chat*, além dos imprevistos que ocorreram referentes aos problemas de conexão e acesso à *internet*. Vale notar também que não são todas/os que possuem uma boa conexão de *internet* para viabilizar a participação, ou, ainda, que possuem computador ou *notebook*, podendo participar somente através dos *smartphones* ou *tablets*.

A partir das observações das aulas remotas síncronas, dos debates entre a turma de Estágio I e II, com a professora orientadora e com os professores titulares da disciplina de História do CA/UFSC, bem como a organização das propostas de aula das duplas de estagiários, delimitou-se o recorte temático de cada dupla para seus respectivos projetos de ensino. O eixo de discussão elencado para as propostas de ensino foram os fascismos europeus (italiano, alemão e ibérico) e latino-americano no período “entreguerras”.

Com base neste recorte temático, selecionamos como conteúdo programático para o projeto de ensino as escalas dos autoritarismos no território latino-americano, com o objetivo de compreender a inserção das ideologias fascistas na América Latina na década de 1930, em especial no contexto brasileiro e catarinense, e assim questionar os pilares sócio-políticos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e seus desdobramentos, rupturas e permanências entre o contexto histórico do período entreguerras e o tempo presente, tendo em vista que a AIB foi um dos maiores movimentos do tipo fascista fora do continente europeu (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 17).

A seleção deste conteúdo se deu em vista da crescente ascensão que as ideologias fascistas e autoritárias, que ferem os direitos humanos e que perpetuam desigualdades, vêm ganhando espaço e força no Brasil. Percebemos que ideias neonazistas e fascistas se aproximam dos discursos e ações do atual governo Bolsonaro como, por exemplo, o uso do lema da AIB, “Deus, Pátria e Família”, como *slogan* na tentativa do atual presidente em abrir um partido político, ou ainda, o seu recente discurso que acrescentou a palavra “liberdade” no lema fascista, palavras que o presidente considera a “comunhão de valores” das nações.

Apesar deste contexto atual, percebemos que temas como o fascismo no Brasil permanecem pouco abordados nos conteúdos programáticos de História. Nos livros didáticos, quando possível localizar os conteúdos sobre a AIB, os encontramos reduzidos e com pouca visibilidade, tendo mais espaço em notas de rodapé ou diluído em outros assuntos.³ A partir disso, buscamos trazer reflexões que demonstram que os desdobramentos das ideologias de cunho fascistas fora da Europa não se trataram apenas de “cópias”, mas que possuíram especificidades e apropriações de acordo com cada realidade sócio-política dos países latino-americanos, tendo diferentes níveis de relevância dentro de cada cenário político.

Também destacamos o contexto latino-americano frente ao período entreguerras, buscando compreender de que forma as ideologias totalitaristas circularam no continente nesse momento. Nosso objetivo foi debater com as turmas sobre o contexto brasileiro e a construção, a partir de grupos políticos de cunho autoritário/fascista, de um tipo de ideal de “povo brasileiro”, excludente, violento e totalitário, refletindo que idealizações como essas se tornam extremistas, assim como as ideias que a AIB tentou implantar e forjar em todo o

³ Realizamos um breve levantamento sobre a abordagem dada ao conteúdo em diferentes livros didáticos para nos situarmos quanto às formas que este vem sendo apresentado nos materiais destinados à educação básica. Localizamos que o conteúdo elencado consta nos livros do 9º ano do ensino fundamental, e percebemos que o tema ganha pouco destaque nos conteúdos programáticos, sendo priorizado o contexto macropolítico brasileiro da década de 1930. Como exemplo, citamos o livro didático da Editora Moderna, intitulado “*Araribá mais História*”, de 2018, em que o conteúdo aparece na unidade IV - “Era Vargas”, e o tema do integralismo aparece como um pequeno trecho diluído no conteúdo, ao lado e em oposição ao comunismo.

Brasil no seu momento de maior influência social, durante a década de 1930. Assim, partindo do contexto macro (América Latina e Brasil) também discutimos o cenário micropolítico de Santa Catarina, estado com um dos maiores expoentes do movimento integralista⁴, assumindo uma estratégia de ensino que entendemos ter sido bastante relevante ao promover o reconhecimento da história local, próxima da vivência cultural das e dos estudantes, possibilitando a historicização e problematização de suas próprias realidades e identidades.

O fascismo no Brasil: revisão da bibliografia e o ensino de História

Apesar das ideologias fascistas não atingirem todos os países da mesma forma e com a mesma intensidade, a “América Latina es, ciertamente, el área no europea donde más se manifestaron tendencias hacia el fascismo en el periodo “clásico” de este fenómeno político, es decir, las décadas de los años veinte y treinta” (SAVARINO; BERTONHA, 2013, p. 11)⁵. Esse foi um período marcante na construção dos sistemas políticos nacionais, que sofreram influências diretas do contexto europeu e das ideologias do nazifascismo. Foi nesse momento, em outubro de 1932, que a Ação Integralista Brasileira (AIB) oficializou a sua fundação, estabelecendo suas ideologias pautadas nos pilares desses regimes e criando seus próprios meios de organização e consolidação do movimento, expandindo-se através da imprensa, da propaganda e da simbologia própria muito bem demarcada. O posto de chefe nacional do movimento ficou a cargo de Plínio Salgado, que

ao propor uma nova política, buscava romper as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora. Esses elementos foram potencializados quando viu a prática desse modelo na Itália, identificando caminhos para um novo Brasil (GONÇALVES; NETO, 2020. p. 13).

Para a criação deste novo Brasil, a AIB forjou um ideal de “povo brasileiro” atrelado aos pilares de seu movimento: “Deus, Pátria e Família”. Para os integralistas, “*Deus*” representava a ligação do Estado Integralista com o sagrado, ideal que se aproximou do cristianismo e do espiritismo, mas rejeitou as religiosidades de matriz afro-indígena. Contrários à secularização do Estado, os integralistas possuíam uma visão cosmológica e

⁴ ZANELATTO (2011).

⁵ “América Latina é certamente o espaço não europeu onde as tendências ao fascismo mais se manifestaram no período “clássico” desse fenômeno político, ou seja, nas décadas dos anos vinte e trinta.” (tradução nossa)

teológica própria sobre a origem e o destino da humanidade⁶, transformando a figura de Plínio Salgado como a de um verdadeiro profeta e salvador da pátria.

A “*Pátria*”, entendida como o lar integralista, seria formada por uma sociedade homogênea e hierárquica controlada pelo Estado Integral, responsável por orientar todo aspecto político, social e econômico da nação. Dentro dessa perspectiva, os integralistas eram anti-federalistas⁷, atuando em meio a um conjunto de simbolismos e rituais que envolviam os “soldados da pátria” desde do nascimento até a morte, tendo criado outros significados para cerimônias como batizados, casamentos e enterros. Dessa forma, as uniformizações, as saudações “*anauê*” e a comercialização de produtos integralistas⁸ tiveram a intenção de unificar o país e divulgar o conhecimento da AIB para além do próprio movimento.

Para a ideologia integralista, “*Família*” representava a força conservadora da nação integral dentro dos espaços privados do lar, onde deveria haver uma hierarquia e diferenças de comportamentos marcados pelo gênero. As mulheres, por exemplo, não deveriam trabalhar, pois o líder “Plínio Salgado dizia que o trabalho feminino fora do lar e a busca desvairada da satisfação dos desejos materiais eram responsáveis pela destruição da família” (GONÇALVES; NETO, 2020, p. 36). Quando o faziam, exerciam serviços considerados naturalmente “femininos”, como a enfermagem e a docência. Nessas “famílias de bem”, o discurso integralista tinha o objetivo de convocar novos integrantes, fomentar o movimento e o culto ao líder, bem como preservar, instruir e controlar o comportamento de todas e todos.

Dessa forma, aos “*plinianos*”⁹ eram ensinados os deveres cristãos, os valores patrióticos, a uniformização e a educação moral e cívica. Foram construídos alguns espaços educativos e escolas integralistas, evidenciando que para o movimento da AIB, a educação atrelada à moralidade seria um dos principais meios para construir o que entendiam ser um “novo Brasil”. Para isso, Silva (2005, p. 61-95) considera que a própria propaganda imagética dos integralistas, como as que foram publicadas nas páginas da revista *Anauê!*, tinha o

⁶ Dentro de uma escala evolutiva, os integralistas entendiam-se como a “Quarta Humanidade” vinda depois da “humanidade politeísta”, da “humanidade monoteísta” e da “humanidade ateísta” (nesta ordem cronológica), formando a “humanidade integralista”, uma síntese própria e mais evoluída das outras três. Ver SILVA (2021).

⁷ Contrários à divisão de poder político entre os estados brasileiros, somente o chefe nacional é quem seria o responsável político pelo território nacional. Sobre essa perspectiva, ver GONÇALVES; NETO (2020, p. 17).

⁸ A palavra “*anauê*” era utilizada na saudação integralista de modo parecido com as saudações nazifascistas europeias. Sua etimologia seria de origem tupi, significando “você é meu parente/irmão”. Sobre os produtos integralistas, houve a comercialização de diferentes objetos de uso cotidiano e *souvenirs*, como fósforos, cigarros, creme dental, doces, roupas, pratos, xícaras e louças. Ver GONÇALVES; NETO (2020, p. 19-45).

⁹ Os filhos dos integralistas eram chamados de “*plinianos*” em referência ao nome do líder do movimento. Essas crianças foram inseridas precocemente na lógica integralista quanto à educação, o cuidado com o corpo e a separação de aprendizagens de acordo com o sexo biológico. Ver GONÇALVES; NETO (2020, p. 38).

objetivo de educar o olhar dos seus leitores, divulgando os princípios e as organizações da AIB de maneira didática por todo o território brasileiro.

A imprensa teve papel fundamental na disseminação e popularização da AIB e de seus pilares no país, construindo historicamente a visão que os integralistas tinham de si mesmos e os objetivos que visavam alcançar através do movimento fascista. Como fonte para o ensino de História, tais materiais produzidos pela própria AIB e disseminados pela imprensa da época devem ser entendidos como objetos culturais com o objetivo de formar opiniões públicas a partir de notícias que “jamais são neutras ou imparciais” (BITTENCOURT, 2004, p. 337). Problematizadas e analisadas adequadamente, entendemos que sua utilização didática fomenta a formação de uma consciência histórica¹⁰, deixando compreensível para as/os estudantes que tais documentos são formas “de manipulação de interesses e intervenção na vida social” (CAPELATO, 1988. p. 21), acuidade própria do trabalho das/os historiadoras/es.

Considerando os debates realizados na área de metodologia do ensino de História, estruturamos a elaboração da proposta de ensino a partir da utilização de diferentes fontes e linguagens: fotografias, jornais, revistas e uma charge. Nossa intenção foi questionar as historicidades e intencionalidades dos documentos junto aos estudantes, possibilitando construir durante o momento da aula virtual o que se entende por *literacia* histórica¹¹, ou seja, uma alfabetização histórica significativa, com acesso aos conteúdos, temas, técnicas e procedimentos utilizados pelas/os historiadoras/es na produção do conhecimento histórico. Para isso, deve-se considerar as devidas especificidades de cada área de atuação e ensino, “ressalvando que não se trata de transformar todas as pessoas em historiadores, mas de ensinar a pensar historicamente” (SCHMIDT, 2010, p. 66).

Ao selecionarmos a história local e os fatos sobre a organização da AIB em Santa Catarina, consideramos a informação de que no período clássico do fascismo havia no estado “segundo estatísticas integralistas, o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia” (GERTZ, 1987, p. 172). A AIB começou a se organizar internamente a partir do ano de 1934, crescendo rapidamente na imprensa e no cenário político estadual, principalmente no Vale do Itajaí e no norte catarinense onde existiam núcleos de colonos e

¹⁰ Como uma importante categoria para compreensão da aprendizagem histórica, entende-se a consciência histórica como uma atividade mental que, através da interpretação de fatos e acontecimentos do passado, possibilita as/os estudantes compreenderem o quão distante temporalmente tais eventos estão em relação às ocorrências vividas no tempo presente, bem como aquelas que também são orientadas e projetadas para o futuro. Trata-se de ensinar e aprender história entendendo o tamanho, a distância, as permanências e as rupturas dos tempos históricos, dando atenção para categorias de “passado”, “presente” e “futuro” em relação à aprendizagem da própria mudança temporal e social observada durante o ensino. Sobre a consciência histórica, ver RÜSEN (2012, 2015).

¹¹ Ver, a respeito de *literacia* histórica, em SCHMIDT; CAINELLI (2010, p. 66-67).

descendentes de alemães e italianos, ocorrendo uma difusão integralista também no sul do estado, “entre os luso-brasileiros aqui estabelecidos muito antes da chegada dos imigrantes europeus” (ZANELATTO, 2011, p. 4).

O integralismo adentrou Santa Catarina como uma das principais formas de oposição aos grupos políticos e oligárquicos atuantes no poder do estado, influenciando as eleições de 1934 e de 1936. Na última, segundo Mentzingen (2020, p. 32), a AIB elegeu 72 vereadores e 08 prefeitos integralistas. A rápida e forte difusão da AIB no estado pode ser observada ainda por outro aspecto, como a realização do I Congresso Integralista das Províncias Meridionais na cidade de Blumenau em 1935, que teve a participação de delegações de 260 núcleos vindas de várias regiões do país.¹² Esse evento formou uma das maiores organizações do integralismo desde sua fundação, demonstrando uma grande organização logística e consolidando “a aceitação da AIB em todo o estado entre os setores médios e operários, tanto imigrantes e seus descendentes quanto entre os luso-brasileiros” (ZANELATTO, 2011, p. 4).

A AIB se organizou em Santa Catarina em um contexto no qual já havia organizações de cunho fascista no estado, como a juventude hitlerista, e embora os integralistas negassem “a associação direta com o nazifascismo, a admiração pelos seus ideais e a inspiração nos resultados obtidos pelo movimento europeu eram usualmente externadas em seus discursos” (MENTZINGEN, 2020, p. 36). Além disso, são explícitos os pontos em comum defendidos pela AIB e pelos movimentos nazifascistas, como o nacionalismo exacerbado, a defesa da extinção dos partidos políticos, a vigilância e o apoio das massas, o culto ao líder supremo, o controle dos meios de comunicação e a ideia de um tipo de superioridade humana. Dessa forma, afirmamos que a AIB e a defesa de sua ideologia por trás do lema “Deus, Pátria e Família” são do tipo fascista, ainda que tal fato possa ser negado pelos próprios integralistas.

A partir da revisão da bibliografia e fontes produzidas, e tendo em vista o contexto político atual vivenciado diariamente pelas/os estudantes através das notícias em diferentes tipos de mídias¹³, buscamos elaborar uma proposta didática que abordasse a historicidade da organização das ideologias fascistas no Brasil, especialmente em Santa Catarina, durante o período entreguerras, questionando a permanência dessas ideias no tempo presente. Para isso, entendemos que a relação presente-passado “é uma das principais características da

¹² Sobre a organização do Congresso Integralista realizado em Blumenau, recomendamos o documentário “*Anauê! O Integralismo e o nazismo na região de Blumenau*”, que aborda sobre a influência da AIB no município e como o processo de nacionalização afetou a população teuto-brasileira da região.

¹³ Um caso recente com bastante repercussão na mídia, posterior a nossa intervenção didática mas que exemplifica o atual contexto de debate sobre o tema, foi a defesa da legalidade da abertura de um partido nazista no Brasil, realizado em um *podcast* com milhares de ouvintes.

temporalidade histórica e pode ser apreendida a partir de suas peculiaridades: a sucessão, a duração, a simultaneidade, a mudança e a permanência” (SCHMIDT, 2000, p. 220).

Para o ensino de História, essa metodologia permite narrar o passado a partir dos questionamentos sobre a vida no presente, orientando a construção das identidades dos indivíduos e os conduzindo para uma compreensão crítica e global construída sobre o passado, que neste caso, procuramos salientar a respeito do perigo dos discursos fascistas e de suas continuidades. Com esse propósito, tivemos como base para a intervenção didática as concepções e princípios destinados para a educação básica descritas no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), de 2018, e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que no artigo 5^a, incisos IV e V, garante como princípios específicos destinados à educação nacional do Ensino Médio em todas as suas modalidades de ensino e oferta o “respeito aos direitos humanos como direito universal” e a “compreensão da diversidade e realidade dos sujeitos, das formas de produção e de trabalho e das culturas”.

A relevância do ensino de História sobre temas sensíveis no tempo presente

A partir da delimitação do tema proposto para a realização do estágio supervisionado, cada dupla de estagiários se encarregou de organizar uma sequência didática para intervir em sala de aula de modo remoto. A turma se dividiu pela ordem cronológica dos eventos históricos selecionados e por uma abordagem global-local, partindo do fascismo italiano, perpassando o tema do nazismo alemão, do fascismo ibérico e, por último, o fascismo na América Latina, pois didaticamente entendemos que poderia ser confuso iniciarmos com o fascismo ibérico ou latino-americano, pois as/os estudantes não teriam o contato prévio com o debate sobre a ideologia “clássica” do que foi o fascismo europeu que mais tarde viria a circular e influenciar grupos no Brasil e em Santa Catarina, por exemplo.

Decidimos explicar no início da aula virtual quais eram os contextos sócio-políticos da América Latina para, assim, adentrarmos no conteúdo sobre o fascismo no contexto nacional, e depois, em Santa Catarina. Com essa proposta de ir percorrendo os territórios do macro para o micropolítico, utilizamos da metodologia apresentada por Jacques Revel, historiador francês organizador do livro *Jogos de Escala: a experiência da microanálise* (1998), que nos auxiliou na compreensão da importância de serem selecionados conteúdos que levem em consideração as variações que um fenômeno tem em escalas diferentes, escapando de generalizações reducionistas ao ser utilizado somente o contexto macro estruturante. O estudo da realidade local contribui para alargar as compreensões, as narrativas e os níveis de análise acerca dos

processos históricos, pois é “um elemento constitutivo de um processo global que tem sua origem na interação eficaz das situações locais” (REVEL, 1998, p 78).

Para a produção desse “jogo de escalas” sobre os fascismos latino-americanos, planejamos a sequência didática da aula no ensino remoto em três diferentes momentos, denominados de: 1) Introdução sobre os fascismos no continente latino-americano; 2) Contextualização da ideologia da Ação Integralista Brasileira (AIB); 3) A AIB no território catarinense e no contexto atual. Dessa forma, as/os estudantes puderam compreender a inserção e organização de ideologias fascistas em escalas diferentes de lugares, atentando-se para suas particularidades, quais foram os sujeitos envolvidos e quais possibilidades e estratégias permitiram seus desenvolvimentos em diferentes locais da América Latina.

Sobre o contexto macro foram selecionados quatro exemplos de organizações fascistas no continente latino-americano¹⁴, tendo como o objetivo contextualizar e aproximar durante a aula virtual tais organizações com a Ação Integralista Brasileira. Para incluirmos o estado catarinense no debate sobre a ascensão nacional do integralismo, discutimos com as turmas a circulação das ideias da AIB por meio da imprensa, com o objetivo de que as/os estudantes pudessem identificar rupturas e permanências dessas ideologias em relação à sociedade brasileira atual. A razão desta escolha ocorreu durante a etapa de levantamento bibliográfico, organização das fontes e orientações em grupo para a elaboração da proposta didática.

Nas reuniões de orientação debatemos sobre fatos que estavam sendo amplamente divulgados na mídia, sendo possível observar ações e discursos de cunho fascista atuantes no tempo presente. Identificamos, inclusive, a livre circulação de concepções autoritárias e totalitárias, caracteristicamente fascistas, em alguns grupos organizados em diversos tipos de plataformas na *internet*, e muitas de forma anônima.¹⁵ Há, ainda, os sujeitos que não temem expor suas identidades, pois se escondem atrás do argumento de que suas práticas e discursos são somente “opiniões” respaldadas pelo direito de “liberdade de expressão”.

Temos acompanhado em diferentes espaços de discussões – acadêmicas e midiáticas – eventos que compreendem atentados públicos¹⁶, discursos de ódio (homo e transfóbicos, misóginos e racistas), apologia ao nazismo (considerada crime no Brasil, por meio do artigo 20 da Lei 7.716/89) e formações de novos grupos fascistas, a exemplo dos neointegralistas.

¹⁴ Apresentamos rapidamente as organizações fascistas “Los Leopardos” (Colômbia), “Ação Revolucionária Mexicana” (México), “Partido Fascista Argentino” (Argentina) e “Movimento Nacional Socialista” (Chile).

¹⁵ Ao fazermos a pesquisa bibliográfica sobre o tema para o projeto de ensino, encontramos diferentes páginas de *sites*, *blogs* e redes sociais intitulados integralistas, atuantes no presente, compartilhando valores e ideologias de cunho ultranacionalista, autoritário, racista, antisemita, anticomunista, sexista, LGBTfóbico, dentre outros elementos que configuram uma limitação dos direitos e papéis sociais dos sujeitos.

¹⁶ Exemplo é o ataque organizado pela Frente Integralista Brasileira do Rio de Janeiro a produtora do Porta dos Fundos em dezembro de 2019.

Discutindo essas permanências do fascismo na sociedade, evidenciando o caráter autoritário da AIB e seus movimentos no contexto nacional e em Santa Catarina, propusemos uma reflexão crítica a respeito da importância dos direitos humanos, da diversidade e da democracia. Dessa forma, contribuímos no desenvolvimento de uma consciência histórica

cuja relação presente-passado seja fundamentada em narrativas mais complexas, que se prestem a uma orientação temporal para a vida presente, baseadas em alguns princípios, como liberdade, democracia e direitos humanos, fundamentos de uma formação para a cidadania (SCHMIDT, 2010, p. 69).

Os fascismos nos “Brasis” de ontem e hoje

Nossa proposta de regência de aula síncrona, intitulada “Escalas do autoritarismo: os fascismos na América Latina, no Brasil e em Santa Catarina”, aconteceu no dia 01 de dezembro de 2021. Estavam presentes 45 estudantes durante a aula e, pensando em um modo pelo qual todas/os *online* pudessem participar independentemente do meio utilizado para o acesso à plataforma virtual (*smartphones*, computadores, *notebooks* ou *tablets*), realizamos uma aula expositivo-dialogada com duração de 1 hora, utilizando como material de apoio os *slides*. Depois de três semanas de apresentações das propostas de ensino dos outros estagiários sobre os fascismos europeus, iniciamos nossa aula com a seguinte pergunta: “No período entreguerras as ideologias fascistas se expandiram para além do território europeu?”. Após este questionamento e as afirmações das/os alunos, projetamos uma charge de 1937, que criticava por meio do simbolismo grego a ascensão dos regimes totalitários na América Latina. Essa fonte traz o desenho de um “cavalo de Tróia nazista” sobre o mapa do continente, como sinal de um presente perigoso e enganoso vindo do exterior.

Imagem 1 - Charge da revista *New Masses* (30 nov. 1937)



Fonte: *New Masses* (1937, p. 3 apud OLIVEIRA, 2019, p. 350)

Explicamos algumas das circunstâncias que possibilitaram a inserção do fascismo na América Latina, como, por exemplo, as trocas comerciais, a imigração europeia e a ação da imprensa na sua disseminação, acentuando as especificidades dos movimentos surgidos no continente, fazendo uma leitura iconográfica de fotografias das quatro organizações latino-

americanas selecionadas e organizadas nos *slides*. Chamamos a atenção das turmas para a linguagem dos corpos fotografados, para os ambientes onde se encontravam, as roupas que utilizavam e os gestos que foram capturados. Dessa forma, utilizamos essas fontes para destacar por meio das imagens as aproximações entre os grupos latino-americanos e os movimentos fascistas europeus estudados nas aulas anteriores a nossa.

Passado este primeiro momento da aula, fizemos uma segunda provocação aos estudantes: “Qual país da América Latina teve um dos maiores movimentos e organizações fascistas naquela época?”. Com o recurso da enquete na plataforma virtual, pedimos para que as/os estudantes selecionassem uma das quatro opções de resposta: México, Venezuela, Brasil e Equador. Dado o tempo hábil para responderem, expusemos o resultado da enquete, que nos surpreendeu pela porcentagem de “votos” dados aos países: 37% para Venezuela, 26% para o México, 22% para o Brasil e 15% para o Equador. Gostaríamos de ter questionado e debatido os motivos das/os estudantes terem creditado as primeiras posições à Venezuela e ao México, algo que não pudemos fazer devido ao pouco tempo disponível para a aula virtual. Pensamos que tais resultados estejam atrelados às diferentes “consciências históricas” que as/os estudantes já possuíam sobre os significados de fascismo, autoritarismo e as relações desses conceitos com os espectros políticos existentes e atuantes. Sobre a Venezuela, por exemplo, cogitamos que sua colocação pode ter sido atrelada às discussões tendenciosas e políticas que pensam o atual regime da esquerda venezuelana como um gerador de fascismos.

Apesar do resultado da enquete, afirmamos que foi o território brasileiro que abarcou um dos maiores movimentos do tipo fascista fora da Europa. Disso, passamos para o segundo momento da aula, quando partimos para o debate a respeito da organização da AIB no Brasil, apresentando os líderes envolvidos na criação deste movimento e o cenário político brasileiro no período proposto. Exibimos a fotografia de uma sessão doutrinária integralista¹⁷, com destaque para um cartaz com o lema “Deus, Pátria e Família” atrás dos seus integrantes. Partindo desta fonte, “destrinchamos” as palavras do lema, cada uma separada em um *slide* diferente, explicando e questionando os seus significados para os integralistas e para o “povo brasileiro”. Para isso, também analisamos algumas capas de revistas integralistas, como a *Anauê!* e *Brasil Feminino*, além de fotografias de crianças uniformizadas, de famílias reunidas, de casamentos integralistas e de objetos e *souvenirs* integralistas.¹⁸

¹⁷ Retiramos essa fonte de um recorte de jornal postado no perfil do *Twitter* de Odilon Caldeira Neto, um dos autores do livro *O fascismo em camisas verdes*.

¹⁸ Para algumas dessas fontes decidimos por não expor as referências na apresentação dos *slides*, pois foram retiradas de um *blog* integralista atuante no presente e que contém apologia ao nazismo e conteúdos impróprios para a faixa etária. O objetivo foi evitar que as/os estudantes tivessem acesso por nossa sugestão – ainda que

Continuamos apresentando e discutindo os conteúdos dos *slides* até chegarmos ao terceiro momento da aula virtual, quando expusemos outra pergunta para as/os estudantes: “No Brasil, qual foi o estado que teve um dos maiores expoentes do movimento integralista?” A partir da participação de alguns estudantes, que responderam ter sido o estado de Santa Catarina, explicamos os motivos para a rápida inserção da AIB na política local e como os integralistas se organizaram no estado. Para isso, também exibimos fotografias do Congresso realizado em Blumenau e de núcleos integralistas criados em Santa Catarina.

Imagem 2 - Reunião da Ação Integralista Brasileira em Blumenau (SC)



Fonte: Acervo AIB/PRP-Delfos/PUCRS (apud GONÇALVES; NETO, 2020, p. 30)

Imagem 3 - Sedes da AIB e do Partido Nazista, lado a lado, em Rio do Sul (SC)



Fonte: Antonio de Lara Ribas (1944 apud GONÇALVES; NETO, 2020, p. 83)

Depois da análise sobre a história local, situamos a clandestinidade dada pelo Estado Novo, em 1937, à AIB e aos demais partidos políticos. Dessa forma, questionamos pela última vez as/os estudantes: “A movimentação política, a partir de 1937, fez com que de fato a AIB e as ideologias fascistas fossem extinguidas?” Alguns estudantes nos responderam através do *chat* que não, dizendo que “definitivamente [o integralismo/fascismo ainda] existe e está aí”. A partir disso, apresentamos um compilado de títulos de manchetes de jornais sobre casos recentes no Brasil e em Santa Catarina de apologia ao nazismo. Debates com as

indireta – a conteúdo inapropriado, sem a mediação docente, visto que nossa atuação foi pontual, de apenas uma hora aula com as turmas.

turmas sobre um possível retorno dos “camisas-verdes” nas próximas eleições¹⁹ e a relação do atual cenário político com o aumento nos últimos anos das investigações policiais sobre apologia ao nazismo realizadas no país. Frisamos com as/os estudantes de não tolerarem a intolerância e os discursos de ódio permeados por extremismos e preconceitos vindos de ideologias fascistas, como as da AIB ou do neointegralismo atual, visto que tais posicionamentos não se tratam de uma questão de opinião, pois ferem os direitos humanos e existenciais de determinados grupos de pessoas e que, por isso mesmo, são classificados como crimes. Dessa forma, evidenciamos que esse tipo de abordagem não partiu somente de um posicionamento político nosso, pois teve respaldo das leis do Código Penal brasileiro.

Como momento final da aula, instruímos as turmas para uma atividade avaliativa elaborada via *Google Forms*, que consistiu em uma questão dissertativa a respeito da permanência de algumas características de ideias autoritárias e totalitárias em nossa sociedade atual, solicitando que discorressem a respeito de seus posicionamentos e trouxessem justificativas, citando exemplos atuais. Também deixamos disponível, através do *Google Drive*, uma pasta com materiais e textos complementares sobre a AIB e o fascismo na América Latina. Consideramos que a atividade avaliativa nos auxiliou a perceber a compreensão, receptividade e reverberações que as turmas tiveram após as quatro experiências de estágio de docência. A partir dela, mobilizamos conceitos que perpassaram as aulas das demais duplas, como “autoritarismo” e “nacionalismo”, provocando a reflexão crítica a respeito das permanências e rupturas sobre a temática dos fascismos no Brasil.

Com as devolutivas das atividades por parte das/os estudantes, avaliamos a nossa experiência enquanto docentes em formação, bem como a experiência de conduzir uma aula de maneira remota. Comunicar-se com todas as turmas remotamente, sem poder olhar no olho das/os estudantes e perceber de que forma a sua comunicação ressoou para cada pessoa, foi algo desafiador. Para essa situação atípica, a avaliação possibilitou entendermos a forma como as turmas aprenderam e refletiram acerca das temáticas abordadas pelas duplas de estagiários, visto que as interações síncronas foram bastante reduzidas, ainda que a média de presenças tenha sido entre 80% e 90% durante as aulas que acompanhamos e executamos *online*.

¹⁹ O jornal *Estadão* publicou a notícia, em dezembro de 2019, sobre uma reorganização do movimento integralista com o objetivo de lançar candidatos próprios nas eleições que ocorreram em 2020.

Ao final do prazo solicitado, recebemos um total de 23 respostas, que foram avaliadas de acordo com os critérios estabelecidos²⁰ e devolvidas com atribuição de uma nota para cada estudante via *e-mail*. De maneira geral, as/os estudantes responderam satisfatoriamente o enunciado proposto, levando em consideração que estavam passando pelo período de final de ano letivo com várias tarefas acumuladas de outras disciplinas. A maior parte das respostas apresentavam reflexões críticas sobre as ameaças que as ideologias fascistas, autoritárias e totalitárias provocam em nossa sociedade, bem como uma análise de sua realidade próxima. Muitas criticaram as organizações fascistas presentes em Santa Catarina e citaram a aproximação de ideias neonazistas com o atual governo do presidente Jair Bolsonaro.

Como solicitado, foram selecionadas pelas/os estudantes diferentes notícias sobre o nazifascismo no estado catarinense, tendo, inclusive, o relato pessoal de uma estudante sobre um homem próximo que teria cometido o crime de apologia ao nazismo. Segundo ela, crimes como esse, que ocorreu ao lado de sua residência em um município da Grande Florianópolis, “estão se tornando recorrentes nos últimos tempos, um grande problema que coloca as pessoas em perigo”. A partir dessa e das demais respostas, percebemos que as/os estudantes compreenderam a ameaça da existência de ideologias de cunho fascista no passado e no tempo presente, visto que estas de fato ameaçaram e ameaçam os direitos humanos e o direito de existir de determinados grupos de pessoas, aspecto que buscamos frisar ao longo da construção e execução da nossa proposta didática para o estágio remoto em História.

Considerações finais

Por meio deste artigo, esperamos trazer mais visibilidade para a discussão sobre o ensino de História e o conteúdo do fascismo no Brasil, tema que pensamos ser pouco aprofundado no ensino básico. Nosso objetivo pedagógico principal, construído ao longo da escrita do projeto de ensino e executado na aula virtual, foi fazer com as/os estudantes entendessem os desdobramentos da AIB no país e no estado de Santa Catarina, para que assim pudessem identificar rupturas e permanências dessas ideologias totalitárias na sociedade brasileira atual. Esperamos que o reverberar destas aulas continue ressoando nas/os estudantes e que, quando observarem novas notícias envolvendo a temática do nosso estágio supervisionado, relembrem das aulas e tenham criticidade sobre o que está sendo apresentado.

²⁰ Como critérios avaliativos elencamos a clareza, objetividade e capacidade de síntese na escrita; compreensão da importância dos direitos humanos e/ou identificação das ideias fascistas como discursos de ódio e apologia a crimes, ou seja, que ferem princípios constitucionais e democráticos; conformidade da escrita com o enunciado proposto e pontualidade na entrega da atividade.

Partindo da apresentação deste relato de experiência, entendemos que no contexto da pandemia de COVID-19 no qual ainda estamos inseridos, o ensino de História se apresenta como um ato de resistência e como peça fundamental no combate aos negacionistas, aos revisionismos infundados, as banalizações da vida humana e aos discursos de ódio que têm crescido no Brasil, pois seu ensino “forma para o sensível, contribui para uma sociedade que vê o outro com a mesma dignidade atribuída a si mesmo” (DOMICIANO et al., 2021, p. 58).

Além disso, terminamos nossa discussão síncrona alertando aos estudantes sobre os limites da democracia, acentuando a diferença entre os “discursos de ódio” e a “liberdade de expressão”. Assim como explicado pelo “paradoxo da tolerância”, conceito definido em 1945 por Karl Popper²¹, acreditamos que no ambiente social, a tolerância com os intolerantes, ou seja, o uso da tolerância ilimitada acaba levando ao seu próprio desaparecimento e, como consequência, à extinção dos direitos individuais. Contra isso, e dessa forma, contra as ideias fascistas e autoritárias emaranhadas de declarações de ódio, executamos uma proposta crítica de ensino que acentuou a importância da democracia, da prática do exercício da alteridade e do respeito aos princípios constitucionais, traçando paralelos teórico-metodológicos de presente-passado entre os fascismos da década de 1930 e do tempo presente.

Referências Bibliográficas

- BERTONHA, João; ROGGERO, Franco (Orgs.). **El fascismo en Brasil y América Latina: Ecos europeos y desarrollos autóctonos**. México (DF): Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2013.
- BITTENCOURT, Circe. Uso didático de documentos. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 327-407.
- BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.
- BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. In: Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. 2013.
- CAPELATO, Maria H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

²¹ Karl Raimund Popper (1902-1994) foi um filósofo austro-britânico de origem judaica que cunhou o conceito “paradoxo da tolerância” no seu livro *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, de 1945. Segundo o autor, “se estendermos a tolerância ilimitada até àqueles que são intolerantes; se não estivermos preparados para defender uma sociedade tolerante contra os ataques dos intolerantes, o resultado será a destruição dos tolerantes e, com eles, da tolerância. (...) Deveremos então reclamar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar os intolerantes. Deveremos exigir que todo movimento que pregue a intolerância fique à margem da lei e que se considere criminosa qualquer incitação à intolerância e à perseguição, do mesmo modo que no caso da incitação ao homicídio, ao sequestro de crianças ou à revivescência do tráfico de escravos.” (POPPER, 1974, p. 118-119)

DOMICIANO, Derick et al. O ensino de história diante dos discursos negacionistas e revisionistas no contexto da pandemia: desafios e possibilidades. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Chapecó, n. 37, jul/dez, p. 45-60. 2021.

GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Leandro; NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

MENTZINGEN, Guilherme. **A Ação Integralista Brasileira perante o fascismo**: contradições integralistas em Santa Catarina. Monografia (Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OLIVEIRA, Ângela. New Masses e a América Latina: intelectuais e política na luta contra o fascismo (1933-1939). **Antíteses**, Londrina, v. 12, n. 23, jan./jul. p. 337-364. 2019.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo: Itatiaia, 1974.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RÜSEN, Jörn. Formando a Consciência Histórica: por uma didática humanista da História. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, jul./dez. p. 519-536. 2012.

RÜSEN, Jörn. **Humanismo e didática da História**. Organização e tradução de Maria A. Schmidt, Isabel Barca, Marcelo Fronza e Lucas P. Nechi. Curitiba: W.A. Editores, 2015.

SCHMIDT, Maria. História. In: KUENZER, Acacia (Org.). **Ensino Médio**: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000. p. 203-230.

SCHMIDT, Maria; CAINELLI, Marlene. A aprendizagem histórica. In: **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010, p. 65-81.

SILVA, Bruna Daniel Araujo. Os ideais do Integralismo 1930-1938. In: **Anais do SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 31º, 2021, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Anpuh, 2021. p. 1-14.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 61-95, 2005.

ZANELATTO, João. Integralismo: o fascismo brasileiro em Santa Catarina. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 5, n. 9, jan./jun. p. 1-15. 2011.